

UM “LIVRO VINGADOR”¹

Walnice Nogueira GALVÃO²

RESUMO: Trata-se de uma introdução inédita à 3ª Edição Crítica de *Os sertões* de Euclides da Cunha da Editora Ática.

PALAVRAS-CHAVE: Euclides da Cunha. Os Sertões. Sociologia. Literatura.

Foi à altura da década de 1870 que Antonio Conselheiro começou a chamar a atenção por onde passava. A situação de miséria das populações do sertão, agravada por uma sucessão impiedosa de secas, das quais a maior de todas seria a de 1877, deixaria um saldo de aproximadamente 100 mil mortos. Como se pode imaginar, bandos de retirantes, esqueléticos e em farrapos, palmilhavam o solo inclemente em todas as direções.

Há notícia de outros conselheiros, mas o que passaria para a história tinha o nome próprio de Antonio Vicente Mendes Maciel. Nascido no Ceará, tornara-se com o correr do tempo um líder místico católico, peregrinando pelo interior da Bahia e de Sergipe, acompanhado de seus beatos, numa vida de penitência, pregando e comandando a construção ou reparação de igrejas, calçadas, cemitérios e açudes. Assim decorreu perto de um quarto de século, com o séquito sempre a aumentar, engrossado por ex-escravos sem rumo e novas vítimas das secas.

A grande mudança que interferiria na vida deles, que nunca puderam compreender e muito menos aceitar, foi a proclamação da República. Mudança modernizadora, acarretaria alterações que perturbaram o ânimo dos conselheiristas: novos impostos, separação entre Igreja e Estado, liberdade de culto e instituição do casamento civil, que contradizia frontalmente um sacramento católico.

À medida que seu contingente crescia, passariam a ser considerados risco para a ordem pública. Rechaçados por toda parte, acabaram por encerrar a errância e se assentar em Canudos.

¹ Agradecemos à Editora Ática a permissão para publicar a Introdução inédita à 3a. Edição Crítica de *Os sertões*, preparada por Walnice Nogueira Galvão, a sair em 2009.

² Professora Titular. USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – wngalvao@uol.com.br

Mas mesmo lá, reclusos e devotados a uma vida de oração, a hostilidade da sociedade abrangente não pôde suportá-los e encarniçou-se em sua destruição. Quatro expedições, a partir de 1896, seriam necessárias para erradicar o arraial de Canudos.

* * *

Foi integrado à última das quatro expedições, na qualidade simultânea de enviado especial do jornal *O Estado* (então *A Província*) de S. Paulo e adido ao estado maior do ministro da Guerra, que Euclides se tornaria testemunha ocular da campanha, enviando para o jornal a série de reportagens que levaria o título de *Diário de uma Expedição*. Nelas se lê o entusiasmo republicano e o fervor sacrificial de que todos estavam possuídos, e que não era de estranhar neste engenheiro militar e ex-aluno da Escola Militar, onde aprendera a importância das forças armadas como portadoras de civilização e de modernidade.

O arraial calou-se, sem se render, a 5 de outubro de 1897, após ser incinerado mediante o lançamento de querosene e bastões de dinamite. Os últimos resistentes, tombados numa cova que servia de trincheira no largo das igrejas, não eram mais que quatro, dos quais dois homens, um velho e um menino. Sempre rememorado, esse final inglório tornou-se representativo daquela que foi uma guerra de extermínio contra uma população indefesa.

Da experiência, resultaria este livro. Euclides dedica-se a acumular uma notável gama de saberes para escrever *Os sertões*, consagrado ao resgate da memória daqueles que pereceram defendendo Canudos. Nele procura combinar dois pontos de vista. O primeiro é nitidamente determinista, vindo da Inglaterra com Buckle e da França com Taine, influências hegemônicas no Brasil da viragem de século. Como se sabe, o esquema de montagem do livro obedece aos ditames analíticos de raça, meio e momento, tomados como determinantes dos eventos históricos. Concorrem para essa linha, extrapolados das ciências naturais e exatas para os fatos sociais, o evolucionismo spenceriano, o darwinismo racial e o positivismo de Comte e de Littré. O segundo ponto de vista deriva da concepção dos heróis segundo Carlyle, justificados por este autor enquanto encarnações do espírito divino que levam a historia avante: o que se acomoda mal com o ideário positivista, anticlerical e até antirreligioso de Euclides.

Sua indagação fundamental é esta: por que existiria esse tipo de fenômeno, num país que acabara de dar dois gigantescos passos na direção do progresso, emancipando os escravos e derrubando a monarquia? Este foi o primeiro grande livro a trazer para a linha de frente do pensamento nacional a indagação das razões do atraso do interior do país e deste país com relação a outros.

Na ânsia de encontrar respostas, Euclides procederá a estudos sobre A Terra, que aparecem na primeira parte, interessado que ficou pela formação geológica da região, detendo-se na flora e na fauna, nos determinantes da seca endêmica naquelas paragens, na aridez de deserto que ali reina. Na segunda parte, O Homem, o autor estuda as correntes de povoamento e as teorias da miscigenação, para compreender a genealogia do sertanejo e analisar o conjunto de fatores que deu origem a um líder extraordinário como Antonio Conselheiro. O restante do livro é dedicado à luta, com base no que viu e no que anotou em suas cadernetas-de-campo, mas também em materiais como as reportagens de outros jornais, as ordens-do-dia dos militares, os relatórios de governo.

Torturado, emocional, quase sempre grandiloquente, este “livro vingador”, como o próprio autor o denominou, não é de leitura amena e reboa como o discurso de um tribuno.

A lição principal que Euclides nos lega no que concerne a uma guerra fratricida e desnecessária é a admiração pelo esforço desenvolvido por populações carentes de tudo para criar novas formas de vida em comum. De um modo ou de outro, engendraram uma estrutura alternativa de poder que as subtraía ao mando de fazendeiros, padres e delegados de polícia – que encarnavam as autoridades máximas no sertão, representando a propriedade, a Igreja e as forças da repressão.

Com a guerra de Canudos, completa-se o processo de consolidação do regime republicano. Graças a ela, exorcizou-se o espectro de uma eventual restauração monárquica. Posteriormente, tendo à vista os testemunhos, pode-se dizer que a opinião pública foi manipulada e que os canudenses serviram de bode expiatório nesse processo. Desempenharam involuntariamente o papel de adversário comum a todos, aquele que se enfrenta coletivamente e que permite forjar a união nacional. À falta de um inimigo externo, capaz de promover a coesão do corpo social e político, infalível em caso de guerra internacional, suscitou-se um inimigo interno, com invulgar eficácia. Depois da guerra de Canudos não mais haveria perigo de restauração da monarquia: o sacrifício dos bravos sertanejos no altar da modernização servira para consolidar a República.

A “REVENGEFUL BOOK”

ABSTRACT: *Inedited introduction to the 3rd Critical Edition of Os sertões by Euclides da Cunha, from Ática Editions.*

KEYWORDS: *Euclides da Cunha. Os Sertões. Sociology. Literature.*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CUNHA, E. **Os Sertões**: edição crítica. Edição elaborada por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985.